



PRÁTICAS DE GOVERNAMENTALIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURRÍCULO PROGRAMA VALE JUVENTUDE

Vilma Nonato de Brício

Doutora em Educação, Universidade Federal do Pará, briciovn@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta alguns resultados de pesquisa de doutorado sobre as práticas de governamentalidade da sexualidade no Programa Vale Juventude desenvolvido por meio de parcerias público-privado. O objetivo foi problematizar como tais práticas são construídas no âmbito do currículo do Programa Vale Juventude. A genealogia de Michel Foucault ajudou a pensar a sexualidade como dispositivo histórico governamentalizável, disciplinado individualmente e administrado a nível populacional. Analisamos os documentos produzidos pela Fundação Vale e Instituto Aliança parceiros na efetivação do referido Programa. A sexualidade dos jovens é submetida a “procedimentos de gestão governamental” por meio de parceria público-privada tanto no planejamento, elaboração, desenvolvimento e avaliação das Oficinas Educativas do Programa Vale Juventude, mas também a sexualidade é dimensionada paradoxalmente no cruzamento público-privado, sobretudo articulada à questão da “sexualidade saudável”, que precisa ser exposta para ser “confiável”, deve desviar dos “riscos” e assumir a “segurança” como pressuposto da experiência sexual.

Palavras chaves: Gênero, sexualidade, governamentalidade.

Introdução

Este texto é parte da Tese de Doutorado Acadêmico em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). A pesquisa emergiu a partir da preocupação com a constituição do dispositivo da sexualidade como elemento estratégico de governo da juventude na contemporaneidade, a partir da articulação às mais variadas táticas entre o público e o privado diagramados no Programa Vale Juventude (PVJ).

O Programa Vale Juventude faz parte das ações de “Apoio à gestão pública” da “Fundação Vale”, uma fundação da empresa privada Vale. O PVJ tem o objetivo “[...] de promover o desenvolvimento pessoal e social dos jovens das comunidades onde a Vale atua, trabalhando a participação juvenil, a cidadania e a educação afetivo-sexual” (grifos nossos). Para alcançar seus objetivos o Programa “[...] desenvolve a formação básica e continuada de profissionais das áreas de Educação, Saúde e Assistência Social de modo a prepará-los para realizarem ações sistemáticas”. O Programa Vale Juventude teve início em 2007, fruto de uma parceria da Fundação Vale com o Instituto Aliança.

Como aportes teórico-metodológicos foram utilizados alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault e outros/as autores/as para operacionalizar a analítica proposta. Os principais documentos analisados são os materiais (cadernos de textos e cartilhas) construídos pela Fundação Vale e Instituto Aliança para serem utilizados pelo Programa Vale Juventude na formação dos jovens no que tange as questões de sexualidade.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



Sexualidade no currículo das Oficinas Educativas do Programa Vale Juventude

O Programa Vale Juventude, para empreender o investimento na educação afetivo-sexual da juventude, constitui um currículo para desenvolver o que no Programa é denominado “itinerário educativo” que orienta as Oficinas Educativas II “Sexualidade, saúde e convivência” construídas para serem as bases das práticas pedagógicas do PVJ e se constituem como parte operativa do Programa.

O Programa Vale Juventude demonstra um duplo interesse pela formação, tanto dos professores, quanto dos jovens. As Oficinas Educativas são “endereço” aos docentes, como material pedagógico de formação e por outro lado tais oficinas são dirigidas aos jovens, à intervenção social na vida dos jovens e à sua formação ao que a empresa Vale e à Fundação Vale querem que eles se tornem. Na perspectiva do currículo e da formação docente, o PVJ produz as Oficinas Educativas e “forma” os professores para trabalhar as oficinas com os jovens. Veiga-Neto (2008) assinala que na atualidade o currículo passa por “inovações”, que desde a sua invenção no final do século XVI, são as “maiores e mais radicais mudanças nos quatro elementos constitutivos desse artefato escolar: o planejamento dos objetivos, a seleção de conteúdos, a colocação de tais conteúdos em ação na escola e a avaliação” (p. 141 – grifos do autor).

Constituindo um currículo para trabalhar a sexualidade da juventude, o Programa Vale Juventude planeja as Oficinas Educativas como principal material de trabalho com os jovens, visando alcançar os objetivos do PVJ: “promover o desenvolvimento pessoal, social e produtivo dos/as jovens enquanto sujeitos de direitos, contribuindo para que a atuação juvenil seja na direção positiva, isto é, da construção de um presente e de um futuro melhores para si e para as pessoas de sua comunidade” (Oficinas Educativas, II, 2009, p. 09).

A construção do Caderno de Oficinas Educativas II endereçado aos jovens nos municípios do estado do Pará teve a participação de uma Equipe Responsável pela elaboração e organização do Caderno formada por profissionais do Instituto Aliança e de profissionais que participaram dos Encontros de Formação Continuada do Programa no estado do Pará, os quais são nominados na apresentação técnica do Caderno. No total participaram 107 profissionais, sendo: do Município de Abaetetuba participaram 19 profissionais, de Barcarena, 26, Marabá, 20, Parauapebas, 18 e Tomé-Açu 24 profissionais. Para a construção das Oficinas, os docentes passaram por uma formação técnico-docente oferecida pela Fundação Vale e Instituto Aliança, para posteriormente participarem do exercício de construção de oficinas.

Realização



Organização:





A construção do Caderno, por meio dessa “parceria” com profissionais do Pará, pressuporia um “currículo-programação” (VEIGA-NETO, 2012) que transversalizasse a singularidade da região Amazônica e da juventude no Pará, mas os 18 temas das Oficinas propostas são apresentadas de forma generalista, em que as especificidades são dissolvidas na generalidade das propostas apresentadas.

Márcia Campos, do Instituto Aliança, Coordenadora-Geral da Equipe Responsável pela elaboração e organização do Caderno, ao prefaciar o Caderno de Oficinas II, afirma: “Este Caderno visa apoiar e fortalecer a atuação junto aos jovens, dos profissionais formados pelo Programa Vale Juventude, contribuindo para a efetiva implantação de ações sistemáticas em suas respectivas instituições” (CAMPOS, Caderno de Oficinas II, 2009, p. 07).

O trabalho com oficinas como forma de organizar o currículo educacional do PVJ é da ordem do “currículo-programação”, que segundo Veiga-Neto (2012) ao ser articulado à racionalidade neoliberal, mesmo na escola evidencia “a face individual do currículo”, emplacada em investimentos em capital humano, empreendedorismo e protagonismo. Ao tratar os jovens como “agentes multiplicadores”, o PVJ aposta numa metodologia ativa, em que estes formam e são formados, estando num espaço entre-dois, que podem operar por continuidades e rupturas no interior do Programa.

A construção das oficinas engendram ações e práticas da ordem de uma governamentalidade neoliberal que “[...] cria condições de que resulta a fabricação de determinadas subjetividades. Nos nossos dias de hoje, tais condições são justamente as condições da governamentalidade neoliberal, com todos os componentes biopolíticos e de controle que conhecemos, sem que tenham desaparecido completamente o disciplinamento e a normalização” (VEIGA-NETO, 2013, p. 10).

O jovem programado pelo Programa Vale Juventude se aproxima do sujeito ideal do neoliberalismo, que, segundo Veiga-Neto (2000, p. 183), “é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor, fazendo suas próprias escolhas e aquisições”.

As 18 oficinas do Caderno II articulam temáticas do tema geral do Caderno: “Sexualidade, saúde e convivência”. Tais temáticas se desdobram em 34 oficinas. Os temas são: 1. Conhecendo os jovens e suas famílias, 2. Identidade e subjetividade, 3. Comunicação e tipos de comunicação, 4. Relacionamento interpessoal, 5. Valores e atitudes, 6. Corpo e autonomia, 7. Sexualidade humana, 8. Relações de gênero, 9. Direitos sexuais e direitos reprodutivos, 10. Vulnerabilidade/empoderamento/tomada de decisão, 11. Prevenção às DST/HIV – Aids, 12. Gravidez na

Realização



Organização:





adolescência, 13. Uso indevido de drogas, 14. Violências, 15. Juventude e território, 16. Adolescentes e jovens como sujeitos de direitos, 17. Participação juvenil e cidadania, 18. Projeto de vida.

Os contornos da governamentalidade programático-curricular da juventude e sua sexualidade no Programa Vale Juventude são experimentadas nas oficinas educativas ao proporem “novas metodologias de ensino” para serem seguidas linearmente pautadas na ideia de “educação entre pares”, de “autoformação”, de “aprender a aprender” para desenvolver habilidades e competências no intuito de formar o capital humano dos jovens.

Considerando que as oficinas iniciais propõem uma sondagem dos interesses e motivações de cada turma de jovens assim como um encontro com seus familiares, espera-se que possam surgir diversas combinações de abordagens dos temas, ou seja, novos itinerários educativos de acordo com o perfil e as necessidades de cada grupo (CADERNO DE OFICINAS II, 2009, p. 10).

O Programa Vale Juventude cobre o campo de formação/atuação dos profissionais e jovens (formadores/facilitadores/aprendizes/parceiros), desencadeando um “efeito cascata” de disseminação de um modelo educativo-curricular pautado em uma normatividade econômico-empresarial.

O modelo de oficina proposto neste Caderno é fruto da metodologia adotada no Programa Vale Juventude e da validação ocorrida durante as Formações Continuadas com os/as profissionais em formação no Pará. As técnicas utilizadas buscam favorecer a educação integrada do sentir, do pensar e do agir por meio do trabalho com as dimensões vivencial, reflexiva, cognitiva e proativa (CADERNO DE OFICINAS II, 2009, p. 10).

O imperativo formativo assumido na metodologia das Oficinas trabalha com base em uma lógica que transforma os sujeitos em capital, responsáveis por investir na própria formação e na formação dos outros com quem se relacionam, empresariando a formação, “multiplicando” o alcance dos temas trabalhados e do modelo metodológico utilizados nas oficinas.

Durante as oficinas os alunos também identificaram muitas estratégias para enfrentar a exploração sexual de adolescentes na Vila Sanção, como a organização de campeonatos esportivos e cursos profissionalizantes, criação de espaços de debates sobre a questão na comunidade e a formação de um grupo de adolescentes “referência”, que possa desenvolver atividades “de jovem para jovem” (BOLETIM INSTITUTO ALIANÇA, Julho de 2011, p. 02).

Os problemas sociais dos territórios onde a Vale atua passam a ser considerados como de responsabilidade da comunidade, que por meio de parcerias com empresas, fundações e outras instituições públicas e privadas. Assim, são incitados os indivíduos a autogerir sua vida e os problemas e a manter sua “comunidade autossustentável”, administrando a vida em suas

Realização**Organização:**

(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



virtualidades. “Produtividade, competitividade, empreendedorismo e criatividade têm sido constituídos como imperativos mercadológicos tão relevantes nas sociedades atuais que demandam continuamente uma ortopedia moral, mediante contínuas avaliações de desempenho, investimento infundável em capital humano” (CANDIOTTO, 2010, p. 11).

Conforme Alvarez (2010, p. 15), “O sexo é um poder político porque as tecnologias de poder transformaram o exercício da sexualidade numa questão política. Por isso, comportamentos que antes estavam restritos à vida privada são hoje publicamente discutidos e politizados”. A sexualidade desse modo está enredada em relações de saber-poder e práticas de subjetivação que atravessa os âmbitos público e privados da sexualidade. A sexualidade da juventude é exposta e é abandonada, ao passo que o que se sobrepõe nas Oficinas Educativas são os aspectos de “saúde e convivência” relacionadas à sexualidade dos jovens, os seja, a sexualidade é tratada como “negócio do social” que, governamentalizada, materializa preocupações na administração de aspectos biológicos da vida individual e coletiva dos jovens ligados à saúde e convivência.

Vivemos a “era da governamentalidade” (FOUCAULT, 2006a), em que táticas contemporâneas de governo são utilizadas para “conduzir as condutas” dos sujeitos individuais e coletivos, nesse caso, de jovens em processo de escolarização. A sexualidade da juventude, pensada nesses termos, em que são articulados aspectos públicos e privados, encontra na “confissão” a técnica “perfeita” de constituição e extração da verdade sobre a sexualidade dos jovens condizentes com “metodologias ativas”, “colaborativas”, “dialógicas”, “reflexivas”. “A sexualidade só é decisiva para nossa cultura se falada e à medida que é falada” (FOUCAULT, 2006b, p. 45), à medida que é absorvida pela linguagem. “Recomece e diga a verdade” (FOUCAULT, 2005, p. 60) é o imperativo da “ciência-confissão” para extorquir as “verdades da sexualidade” dos jovens.

Considerações finais

A análise de currículos específicos que trabalham a sexualidade da juventude a partir da chave teórico-metodológica da governamentalidade nos permite problematizar as práticas de gestão da vida, de controle do corpo e se da sexualidade de jovens. O Programa Vale Juventude ao apresentar como eixo central a educação afetivo-sexual pautando questões de “sexualidade, saúde e convivência” em suas propostas de trabalho, articula saberes da educação, da saúde e temas ligados

Realização



Organização:





à cidadania e protagonismos dos jovens de modo que os exercícios de poder se articulam ao nível do poder disciplinar e de biopolíticas.

O Programa ao organizar seu currículo por meio de “oficinas educativas”, produz um modo de pensar a construção de conhecimento, a organização curricular, bem como a posição de cada sujeito em tais atividades. As oficinas educativas sobre “sexualidade, saúde e convivência” produzem diferentes estratégias que engendram “condução de condutas” dos jovens em processo de escolarização, construindo formas de normatividades que visam formar os jovens para atender a lógica do capital humano, do empreendedorismo de si e do protagonismo juvenil tão em destaque na contemporaneidade.

Referências

ALVAREZ, Marcos César. Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares. Revista IHU On-Line, **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, Edição 335, 28 de Junho de 2010.

CANDIOTTO, Cesar. A subjetivação ética como desgoverno biopolítico da vida humana. São Leopoldo, Revista IHU On-Line, 21 de setembro de 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.

_____. Prefácio à Transgressão. _____. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos de Biopolítica e Educação na América Latina: avaliação e perspectivas. IV CLAB - Coloquio Latinoamericano de Biopolítica, II CIBE - Coloquio Internacional de Biopolítica y Educación. Bogotá, Colombia, 3 al 6 septiembre, 2013.

_____. Currículo: um desvio à direita ou Delírios avaliatórios. X Colóquio sobre Questões Curriculares, VI Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

_____. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. Sísifo Revista de Ciências da Educação, n.º 7, set/dez, 2008.

_____. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (Orgs.). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 179-217.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br